

DIVULGAÇÃO



## Admirável mundo novo?

Filme de Davi Pretto imagina um futuro distópico e utiliza imagens de inteligência artificial e das enchentes no Rio Grande do Sul

### SERVIÇO

#### Filmes da noite

No Cine Brasília (EQS 106/107), às 21h, exibição do longa *Futuro futuro*, de Davi Pretto. Sessão acompanha os curtas *Fogo abismo*, de Roni Souza e *Replika*, de Piratá Waurá e Heloisa Passos. Ingressos, R\$ 20 (inteira), a partir das 14h, na bilheteria, ou por ingresso.com No Complexo Cultural Planaltina, às 19h45, a mesma programação terá entrada livre.



#### Ricardo Daehn

Ao falar do último concorrente da mostra competitiva do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, *Futuro futuro*, o diretor gaúcho Davi Pretto sublinha tratar-se de uma ficção distópica que se deparou com uma distopia real. O projeto foi financiado por um prêmio de baixíssimo orçamento de R\$ 1 milhão, com previsão de filmagens em 15 dias. “Nos últimos três dias de filmagem, aconteceu a maior enchente da história do Rio Grande do Sul (em maio de 2024), uma tragédia de proporções apocalípticas que destruiu cidades, casas, sonhos e vidas. Porto Alegre, onde vivo e filmávamos, também foi muito atingida. Com isso, as filmagens foram interrompidas e só conseguimos retomar meses depois com o orçamento ainda mais prejudicado. Sem o apoio da equipe, elenco e fornecedores, não teríamos conseguido terminar

o filme. Essa tragédia também acentuou algumas ideias que eu tinha ao filme”, conta.

Do limão, veio a limonada: imagens de inteligência artificial (criadas ao longo de seis meses), previstas no roteiro, auxiliaram na finalização, uma vez que as locações foram inundadas e se tornaram inviáveis. Interessado no caminho entre o real e o fantástico, entre gêneros de cinema e experimentação, Pretto resalta o uso de uma chave mais “sensorial, meditativa, impura e labiríntica”. No enredo, um homem sem memória chamado K (interpretado por Zé Maria Pescador) acorda em meio “a um curso decadente para pessoas em vulnerabilidade cognitiva como ele”. Num futuro próximo, em cidade chuvosa, há uma doença neurológica esparramada, que causa amnésia e tolhe a capacidade de se imaginar imagens. “Nesse curso, K conhece e fica obcecado com um dispositivo IA chamado Oráculo, inventado para ajudar pessoas como ele, um aparelho que promete resgatar as memórias perdidas

que estão dentro de sua cabeça. Sua obsessão com esse dispositivo levará K a uma jornada trágica e absurda”, adianta o diretor.

Em *Futuro futuro*, a função de clickworker, ou “trabalhador de cliques”, ganha relevância. “Trata-se do termo para quem trabalha em micro tarefas, on-line, para executar diversas funções que a inteligência artificial não consegue executar integralmente ou trabalhos humanos necessários para que a automação exista”, demarca o diretor. Grosso modo, a expressão encerra o trabalho invisível, humano, por trás da automação. “É um guarda-chuva que traz desde moderação na rede social à complementação de frases e revisão de textos de chatbots, passando por incrementos no reconhecimento facial e na catalogação de imagens para treinamento de inteligência artificial. São trabalhos em que se ganha por clique e é uma enorme mão de obra hiper-precarizada, normalmente localizada no Sul global, a serviço das big techs”, conclui.

### Entrevista // Davi Pretto, cineasta

#### O filme flerta com o afrofuturismo?

Não, não buscamos isso. O filme dialoga com obras literárias de ficção especulativas da Ursula Le Guin, Philip K Dick, talvez um pouco com Jeff Vandermeer (do movimento New Weird) e principalmente de livros de não ficção políticos e especulativos de Mark Fisher, Peter Frase e Jonathan Crary. Esse filme surge a partir do meu encontro com a obra desses e outros escritores que pensam o nosso futuro, não como uma profecia, mas como um diálogo com o presente. Como já disse Steven Shaviro, a ficção científica é a sombra que o futuro lança sobre o presente.

**Futuro Futuro: último concorrente apresentado no Festival de Cinema**

#### Qual é a estética do filme?

A da eterna precariedade do cinema latino-americano, precariedade que gera inventividade, é estética da impureza, da mistura, do contraste, da provocação, da porosidade e também da meditação. É uma proposta que quer dar corpo, imagem e som a um outro tipo de imaginário de futuro, frontalmente oposto ao imaginário hegemônico do cinema estadunidense, por exemplo.

#### Você crê num futuro distópico?

O que o filme propõe, e que eu acredito, é que utopia e a distopia estão intrinsecamente relacionadas. Uma utopia sempre precisa de uma distopia simultaneamente em outro lugar. Ao mesmo tempo, se arranhamos a superfície da utopia podemos encontrar uma distopia escondida em seu interior, tal qual utopias podem resistir dentro de distopias. Por isso, o título possui duas vezes a palavra Futuro. O futuro nunca é um, ele é dois.